



Proposta de Comunicação

Padre António Vieira – Pioneiro e paradigma de Interculturalidade

Maria Manuela Lopes Cardoso

Resumo

Salvaguardando o distanciamento de centenas de anos que nos separam, reconhecemos no Padre António Vieira – para além de outras vertentes em que tem sido analisada a sua rica personalidade – o pioneirismo de uma mentalidade intercultural: despojamento material e intelectual, respeito pela alteridade, conhecimento das línguas dos povos autóctones, para com eles poder dialogar, para compreender as suas mentalidades e as suas culturas.

Ele manifestou, nos seus escritos e com a sua acção, que, além das diferenças culturais, o encontro de culturas é possível e desejável. Para tanto será necessária muita persistência, paciência e tolerância.

Vieira assumiu, então, valores básicos de uma mentalidade nova em oposição à existente, de um “*homem novo*” em contraste com o “*homem do statu quo ante*”.

Homem polifacetado e polémico, encontrou na tolerância para com os Índios do Brasil, o segredo de toda a sua acção junto deles: viveu no meio deles, lutou por eles, comeu com eles, com eles aprendeu a língua e até cantares, tendo, porém, o cuidado de adaptar as “letras” desses cânticos em formas de louvor a Deus.

Assim, aos poucos, os nativos iam criando confiança e, com naturalidade, foram deixando as suas crianças aprender a ler, a escrever e a contar com as outras crianças não índias.

Segundo o entendimento de Vieira seria pela educação e pela cultura, que se podia corrigir a própria natureza.

Mas, ao mesmo tempo que se preocupava com a educação dos Índios e também a dos negros, não descurava a dos colonos, de forma a promover entre todos um maior espírito de compreensão e tolerância, em que fosse incentivado o respeito pelas diferenças (diremos hoje pela diversidade cultural).

A unidade da e na diversidade contida na obra de António Vieira justifica se não apenas pela sua universalidade, mas pela sua intemporalidade e actualidade.

Com ele aprendemos a consciência do limite, a conquista incessante da Liberdade e da Igualdade de todos os homens, de qualquer cor, cultura, civilização ou grau de instrução, todos pertencentes à mesma raça, a humana, mas diferenciados pelo talento, pelo uso do livre-arbítrio, pelas características próprias. Igualdade que ele presente não no sentido de uniformidade, mas nas oportunidades, para que cada um possa conquistar “o seu espaço” em função das próprias qualidades e características.

Aquilo que entendemos hoje por pedagogia intercultural está precursoramente presente na forma como Vieira pensou, agiu e depois escreveu, demonstrando uma mentalidade avançadíssima para a época, e pioneira. A unidade da e na diversidade contida na obra

de António Vieira justifica-se não apenas pela sua universalidade, mas pela sua intemporalidade e em relação aos nossos dias.

Julgamos, pois, que poderemos acrescentar às múltiplas características que soem adornar a sua figura, a de precursor de Interculturalidade numa sociedade multicultural.

Palavras-Chaves: Padre António Vieira; Interculturalidade; Pedagogia Intercultural

António Vieira e a Interculturalidade

Ao longo do século de Seiscentos, uma das vozes mais prestigiadas, que não se cansou de perorar de uma forma veemente e apaixonada, numa linguagem de admirável beleza e de rigor tanto no uso das palavras como das frases, e que comovia e empolgava quem a ouvia em prol da liberdade e do respeito pela dignidade dos índios¹ do Maranhão² e do Pará e também de um tratamento mais digno e mais humano dos escravos negros e de todos os desprotegidos da sorte, foi a do Padre António Vieira.

Voz que jamais se extinguirá, porque ontem, como hoje, continua de viva actualidade, voz que soube aliar a graça do estilo à elevação das ideias que servem o seu ideal. Mais do que semeador dos ideais cristãos, com pertinácia e nobre isenção, deixou uma obra escrita que, pelos encantos de que se reveste, desafia a acção do desgaste do próprio Tempo, e chega até nós com a marca da contemporaneidade.

Ao lermos António Vieira, a quem, por vezes, chamam o *Crisóstomo Português*³, temos a ilusão de que ouvimos ainda o eco distante da sua voz, que se vai repercutindo através das gerações. É preciso, na verdade, que tivesse alcançado tão grande poder de persuasão, de entusiasmo e de beleza estética na forma como manejava a língua portuguesa para assim vencer as condições difíceis e por vezes contrárias das realidades sociais sob as quais viveu.

É que António Vieira não era só um intelectual, nem propriamente um místico nem um contemplativo; era, também, um homem pragmático e de acção.

É certo que o púlpito atraía Vieira, mas também porque aquele era, então, o único espaço que lhe permitia a vida de acção e de lutador, de missionário e de educador, que ambicionava. Foi deste espaço privilegiado que proferiu incisivas intervenções públicas na defesa dos seus Ameríndios⁴, e não só, como veremos mais adiante. A partir desta tribuna, acusa, comenta o Poder Real e critica a sociedade, sempre que aquele ou esta falham no respeito a ter na forma como aqueles índios eram tratados. De facto, os seus

¹ A designação de "índios" foi dada na convicção e suposição, havida na altura da descoberta das Américas de que os portugueses tinham aportado e a terras do Oriente, as Índias.

² Na língua tupi dizia-se "mba'ra" (mar) "nã" (caudal de água corrente), dando origem ao vocábulo "Maranhão". Com 640 kms. de costa é o Estado com maior extensão litoral do Brasil.

³ "Crisóstomo" significa boca de oiro.

⁴ Por «Ameríndios» designamos hoje os povos autóctones que aí existiam antes da chegada dos europeus.

Sermões⁵ eram de tal forma verdadeiros e oportunos que atingiam todas as classes sociais e eram escutados por multidões de pessoas que não sabiam ler.

Ele tinha a consciência de que as suas dissertações verbais ajudavam a uma maior sociabilização das pessoas, serviam a instrução e fomentavam a discussão de problemas morais e de ordem pública: punham questões e obrigavam a raciocinar sobre elas, assentavam ou rectificavam opiniões, eram populares e simples na linguagem, e a mesma ideia era várias vezes repetida sob as formas mais propícias (quantas vezes ilustradas) a uma melhor compreensão.

Assim, Vieira usava muito os sermões, não só por serem uma forma de comunicação dominante daquele tempo, mas, também, como já referimos, pela grande acção pedagógica que exerciam.

Ao longo dos nove anos de pregações e de missionação no Maranhão, face à realidade aí existente nessa época, este Autor colocou-se imediatamente ao lado dos índios, porque os viu espezinhados e vilipendiados por alguns colonos prepotentes e de ambições desmedidas.

Em 13 de Junho de 1654, António Vieira pregou, na cidade de São Luís do Maranhão, o «*Sermão de Santo António*», que ficou célebre pelo artifício literário que usou e pela riqueza de linguagem que ilustrou a alegoria invocada: falando aos peixes, quer atingir os comportamentos dos homens e, de forma chistosa e eloquente, prega as verdades mais duras e carecidas de serem ditas à inteligência e memória de quem o ouvia.

A certa altura diz o pregador: «*Antes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. (...). Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros (...); e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos*»⁶.

⁵ «Sermão» é o desenvolvimento oratório de um tema doutrinal e quase sempre moral, integrado normalmente em ambiente de liturgia religiosa. O sermão tem, em geral, uma estrutura assente em três partes: o exórdio, em que, depois de apresentado o assunto, é feita uma breve introdução destinada a captar a atenção do auditório, seguida de uma divisão do conteúdo do tema; a confirmação, ou corpo do discurso, em que se desenvolvem e demonstram os diversos pontos anunciados na aludida divisão do tema; e a peroração, que lembra e relembra as considerações mais importantes, procurando conduzir os ouvintes a tirarem ilações práticas de tudo quanto ouviram, fundamentando-se na interpretação dos textos bíblicos. Entre as figuras mais famosas na época (sécs. XVII/XVIII) contaram-se, em França, Bossuet, Bourdaloue e Massillon.

⁶ VIEIRA, Padre António, *Sermões*, «Sermão de Santo António», Tomo VII, p. 260, Ed. Lello & Irmão, Porto, 1959.

Esta alegoria – pregação aos peixes –, já usada por outros oradores (Santo António, por exemplo), é por ele empregue para criticar os colonos desrespeitadores e exploradores daqueles índios que, como os colonos, eram tão humanos quanto eram diferentes: todo o ser humano é igual e diferente.

A sua acção de pregador tornou-se subsidiária da sua actividade missionária e de agente interactivo das relações entre povos e culturas diversas.

Via os problemas com realismo e falava deles com fulgurante inteligência que, muitas vezes, transcendia os horizontes da maior parte dos homens seus contemporâneos, o que lhe angariava grandes inimizades. Sabemos, com efeito, da História da Humanidade, que todos os pioneiros, mais tarde considerados «grandes homens», têm lutas e por vezes inimigos irreduzíveis... e não é por nada fazerem!

A tudo isso não foi alheia, antes imprimiu carácter, a sua posição corajosa e esclarecida, e porventura pioneira, sobre o relacionamento entre povos e mentalidades marcados por culturas diferentes.

Parece-nos, pois, muito interessante destacar em Padre António Vieira uma outra faceta da sua personalidade que enriquece o seu perfil de grande vulto da História de Portugal. Referimo-nos àquela que faz dele o precursor da hoje designada mentalidade intercultural.

Antes de continuarmos, porém, urge tentar explicar o que entendemos por Interculturalidade.

Muito mais rica do que o próprio conceito, a Interculturalidade é a mentalidade aberta a uma relação entre duas ou mais culturas, a um nível igualitário; é a convivência fraterna entre pessoas de distintas culturas, com tolerância para com «o outro», tendo em vista um enriquecimento mútuo.

Como diz Natália Ramos na sua Tese de Doutoramento (1993), para fazer perceber o conceito de Interculturalidade, urge falar do movimento de interpenetração de culturas de que as descobertas realizadas pelos Portugueses nos séculos XV e XVI foram pioneiras: «(...) *Elles furent aussi non seulement l'occasion d'un formidable brassage de peuples aux cultures et aux religions différentes, mais elles créèrent en plus les conditions nécessaires à la transition d'un monde fermé à une époque planétaire ouverte.*»⁷.

Clanet (1993) entende que o conceito de Interculturalidade compreende reciprocidade nas relações entre os povos que coexistem no mesmo espaço, com respeito pela identidade (cultural) de cada um, para o que se torna indispensável que a educação dos seus jovens tenha essa base para que se possa afirmar intercultural⁸.

O conceito de Interculturalidade começa a ser muito utilizado a partir dos anos 70, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. É um conceito riquíssimo que implica

⁷ RAMOS, Maria Natália Pereira, *Maternage en milieu portugais autoctone et immigré. De la Tradition à la Modernité. Étude ethnopsychologique*, Tese de Doutoramento, Université René Descartes / Paris V, Ed. Sciences Humaines, Sorbonne, p. 79, Paris, 1993.

⁸ CLANET, Claude, *L'Interculturelle – Introduction aux approches interculturelles en Éducation et en Sciences Humaines*, p. 21, Ed. Presses Universitaires du Mirail, Toulouse, 1993.

processos que se fundamentam na interacção e reciprocidade cultural entre pessoas ou grupos humanos pertencentes a culturas diferentes.

Como conceito autónomo, surgiu, na Europa das Migrações, da necessidade de melhor integração dos filhos dos trabalhadores migrantes. Através de uma educação intercultural era mais fácil às crianças dessas famílias inserirem-se no sistema de educação do país de acolhimento e, também, adaptarem-se melhor, no caso de regressarem ao país de origem.

Através dele somos convidados a uma nova abordagem dos complexos e dinâmicos processos que envolvem as relações entre culturas, o que não torna fácil a sua teorização. De facto, a interculturalidade, que se coloca numa área de saberes interdisciplinares (Khôï, 1995), procura compreender e resolver problemas que surgem ao nível das relações humanas decorrentes de diferenças étnicas e religiosas, culturais no seu sentido global, as quais, frequentemente, emergem das migrações e de grupos minoritários. Sempre que surjam situações deste tipo, na perspectiva de Claude Claret (1994), estas devem ser objecto de atento estudo, subsidiário de diversos saberes, sendo, então, tratadas sob o ponto de vista sistémico, como um «objecto-sistema» (Edgar Morin, 1994), o que significa que a sua compreensão exige conhecimentos das inter-relações entre os elementos que as compõem.

A interculturalidade, assim, pressupõe uma atitude baseada na descrição e na análise das crenças, das tradições, dos costumes, conhecimentos partilhados por um povo ao longo de gerações. Na verdade, de uma forma geral, não há, nem nunca houve, uma sociedade humana de comportamentos estáticos; sempre houve mudanças, sempre houve necessidade de os Homens se adaptarem às mudanças, com a conseqüente necessidade de novas aprendizagens.

Hoje, porém, a nossa sociedade distingue-se das que se lhe antecederam, não pela presença ou ausência de mudanças, mas pela diferença de ritmo das mesmas. E, porque as mudanças são incomparavelmente mais rápidas e mais globais, a formação contínua torna-se imprescindível à sobrevivência⁹.

A interculturalidade contém uma dinâmica de tolerância e de alteridade, o respeito pelos ritmos de aprendizagem diferentes do «outro», pela forma de ver o «outro», este não como um «objecto» a estudar e a analisar, mas como um «sujeito» também capaz de perceber e objectivar a sua própria cultura, em que a diferença deve ser a base de uma relação entre iguais.

Efectivamente, a interculturalidade é um processo, uma mentalidade em construção, timbrada pela solidariedade e fraternidade entre culturas diferentes.

A consciência das diferenças de cultura conduzirá os povos à coexistência pacífica e será, então, através da educação que se prepararão as «gerações vindouras» para o intercâmbio, para a compreensão, para a convivência fraterna, para a tolerância, para um maior respeito pelos outros e pelos que são diferentes (culturas diferentes,

⁹ Cf. SIMÕES, António, «Formação Contínua e Desenvolvimento do Adulto», in *A Psicologia na Formação Contínua*, Ed. Universidade de Évora, Évora, 1994.
Vieira, agente interactivo entre povos e culturas, pregando aos índios do Brasil. Litografia colorida de C. Legrand, 1641. AHU.

comportamentos diferentes, «status» diferentes...), enfim, para o confronto e respeito da alteridade.

A mentalidade intercultural permite o enriquecimento da educação dos jovens na base da compreensão pela diversidade, tornando-os mais participativos na construção da Democracia, mais atentos às diferentes formas e estilos de aprendizagem, mais aptos à comunicação entre eles e entre as gerações, encorajando-os a resolverem os seus conflitos de forma não-violenta, promovendo, assim, a paz e a harmonia.

Pierre Dasen (1983)¹⁰, por exemplo, fala-nos da urgência que as nossas sociedades ocidentais, cada vez mais multiculturais, têm em evitar os conflitos sociais. E como, então? Através de uma estratégia de educação intercultural, ou seja, uma educação indutora da compreensão e do respeito pelos outros (os outros são sempre os diferentes, porque não há pessoas iguais), educação para a comunicação e cooperação entre pessoas de origens diversas, na certeza de um enriquecimento mútuo.

James Banks (1986)¹¹ fala na necessidade de uma educação para todos, para a liberdade, para o desenvolvimento de competências de interação cultural e para uma constante reflexão sobre a interdependência e a coesão social.

A mentalidade intercultural está aberta a uma pedagogia do respeito pelo «outro», como ser humano que também é, a uma pedagogia para a igualdade e para a interação de conteúdos, a uma educação como base de todo o edifício do conhecimento e do conseqüente desenvolvimento.

Hoje a Interculturalidade é como que o epicentro de todas as estruturas escolares e sociais, coadjuvantes da família na «construção» do futuro cidadão, que é apanhado num tempo histórico vivido sob os signos da mudança, da produtividade e da globalização.

Tem particular relevância aquilo a que podemos hoje chamar de *educação intercultural*. Esta implica inter-relações e intercâmbios de saberes, de experiências e de culturas. O que tem acontecido na maior parte das vezes é que a cultura dominante do país de acolhimento aparece como cultura de referência, enquanto a cultura dos emigrados é remetida para o plano do «folclore», sem ser apreendida e aceite na sua forma global.

No entanto, a educação eivada de interculturalidade deve preocupar-se com a luta contra o racismo e a xenofobia, com o repúdio de preconceitos, com a procura de respeito e preservação das línguas maternas, evitando que se manifeste e desenvolva a tendência para o etnocentrismo e para transformar o «estrangeiro» no bode expiatório de tensões sociais, políticas e económicas (Ouellet, 1991). Do mesmo modo, essa educação deve ter em conta o ensino diferenciado, que proporcione igualdade de oportunidades para os grupos minoritários que frequentem uma escola, que, por natureza, é para todos (e não só para alguns) alunos. Desta feita, muitos preconceitos serão mitigados ou eliminados, aceitar-se-á a relatividade das crenças e procurar-se-á o universalismo de alguns valores.

¹⁰ DASEN, Pierre, Une perspective interculturelle en Psychologie et en Pédagogie, *Entwicklung Développement*, n.º 16, 1983. Cf. também a obra, do mesmo autor, *Fondements scientifiques d'une pédagogie interculturelle*, 1994.

¹¹ BANKS, James, *Multicultural Education in Western Societies*, eds. J. Banks, J. Lynch, New York, 1986.

Não será afoiteza excessiva concluirmos que o interculturalismo é fruto e geração de um Humanismo de que a História portuguesa é também um exemplo e que timbrou de modo particular o relacionamento dos Portugueses com os povos com quem foram contactando e até com aqueles a quem foram colonizando¹². Este Humanismo português, que alguns autores têm expressamente invocado como específico, pode dizer-se que ainda hoje é sentido por parte dos países de acolhimento daqueles muitos portugueses que daqui emigram. Traduz-se não só numa atitude de respeito pelo «outro», tal como é marcado pela sua cultura, como também numa rara capacidade de adaptação às outras culturas, sem perda da própria identidade, e ao mesmo tempo de miscigenação sem preconceitos.

É numa vertente desta nossa perspectiva que viemos a «descobrir» no Padre António Vieira, com entusiasmo, um precursor, conceptual e pragmático, da interculturalidade, tal como hoje a entendemos. Isso tem acrisolada razão na decisiva fase da expansão portuguesa pelo mundo, em que o dito humanismo ia sofrer a prova de fogo da prática quotidiana. Vieira, que no mito do Quinto Império não deixa de proclamar uma maneira muito própria de os Portugueses estarem no mundo, é, assim, levado a, profeticamente, alertar para os desvios da interculturalidade que o poder e a ganância iam provocando.

Pioneirismo e Actualidade do Pensamento e Obra de António Vieira

Devemos, desde já, avançar que é extraordinariamente interessante perceber em Vieira, no séc. XVII, portanto trezentos anos atrás, que ele advogava já então, de uma forma premonitória, o relacionamento das culturas ali existentes, a branca, a negra e a indígena¹³ (índia): culturas diferentes, graus de instrução e de civilização diferentes, coexistindo no mesmo espaço.

¹² Portugal, país de migração, por iniciativa governamental e de algumas Instituições de Ensino Superior, nos anos 90, tomou consciência da necessidade de uma Educação Intercultural (assim ou paralelamente denominada nos diplomas legais electivos), para o que foram criadas algumas estruturas institucionais: o Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural (em Março de 1991 – Despacho Normativo n.º 63/91, de 18.2 – D. Rep. n.º 60 – I Série-B, de 13.3.91 –, mais tarde designado de Entreculturas, tutelado directamente pelo Ministro, tendo como função «coordenar, incentivar e promover, no âmbito do sistema educativo, os programas e as acções que visem a educação para os valores da convivência, da tolerância, do diálogo e da solidariedade entre os povos, etnias e culturas.»); a Associação de Professores para a Educação Intercultural (Setembro de 1993); o Projecto de Educação Intercultural (lançado no ano lectivo de 1993/94); o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, criado junto da Presidência do Conselho de Ministros (1995, realçando o diploma, como escopo do Órgão, que «no desempenho dessa tarefa assume relevância particular a educação, através da acção da família, das escolas e das estruturas sociais, devendo fomentar-se o respeito mútuo e a compreensão entre pessoas de origens e culturas diferentes.»).

¹³ Designa-se por «indígena», como é sabido, o autóctone, aquele que nasceu em determinado território e aí possui as suas raízes familiares e culturais. Aquele termo passou, porém, a ter um significado particular na terminologia colonial, reportando-se, de maneira depreciativa,

Vieira encontrava, como os interculturalistas de hoje, as vias da educação e instrução como formas de promoção humana, que passam pelo respeito por si próprio e pelos outros, dando-lhes, a estes, o direito à diferença.

A grande dificuldade deste estudo está em distinguir em Vieira a mentalidade intercultural, para além do facto de ele ser um convicto missionário cristão. É muito difícil fazer tal distinção, até porque, quer se queira quer não, dos valores cristãos fazem parte, precisamente, a tolerância, a paciência, o acolhimento, o respeito, a promoção, o direito à diferença, a educação para a liberdade e para a igualdade de oportunidades.

Pensamos que a questão incide, precisamente, numa certa diferença de planos e de «tempos». De facto, vivendo numa época muito difícil e de profundos contrastes, Vieira não conseguiu dominar muitos dos conceitos (diríamos hoje preconceitos) ou princípios vigentes, um dos quais, por exemplo, a escravatura.

Mas não temos dúvidas de que, pela sua forma de pensar e de agir em relação aos índios, a sua atitude perante esses povos de culturas diferentes fez dele um precursor da actual mentalidade intercultural e, como tal, incompreendido pelos homens seus contemporâneos.

Permita-se-nos, pois, ainda que de maneira perfunctória neste esboço da nossa proposta e dos nossos objectivos de estudo, e ainda que com o risco assumido de algumas repetições, uma primeira aproximação ao enquadramento sócio-histórico da nossa Figura em estudo.

No Grão-Pará e Maranhão, que Vieira conheceu no séc. XVII, podemos dizer que existia uma sociedade multicultural, na medida em que coexistiam e se relacionavam, bem ou mal, três culturas com os respectivos grupos linguísticos, raciais, étnicos: a ameríndia (os índios indígenas), a negra (escravos africanos) e a branca (colonos e pessoal da função pública europeus).

Vieira, pela escolarização, tentou construir uma sociedade plural, aberta, mas também coesa, ensinando precisamente a necessidade de compreensão e o respeito pela diversidade cultural ali existente e, ao mesmo tempo, o entendimento de que a boa cooperação entre os seus grupos facilitaria o bem-estar de todos, o bem comum.

Podemos referir, assim, que Vieira se antecipou às actuais orientações da Unesco, quer pela comparação entre as diferentes culturas, quer pela interacção entre elas, a partir das respectivas raízes culturais.

Em Vieira percebe-se, então, uma mentalidade peregrina, profética e, por que não dizê-lo, «perigosa» para a época, não deixando de considerar o seu ideal de evangelização cristã ligado a esse risco, a que sempre foi fiel. Ele não se cansava de apelar à urgência de criação de redes de solidariedade dentro de cada grupo étnico e deste em inter-relação com as outras comunidades.

Apelava ao espírito cooperante entre os diferentes grupos, passando-lhes o sentimento de que todos precisavam uns dos outros, como interdependentes e complementares que são; ou seja, como diríamos hoje, no respeito pelas diferenças culturais seria possível uma educação para a Liberdade e para a Autonomia. Deste modo, os conflitos latentes

aos povos denominados «selvagens» e que teriam de ser «civilizados» pelos colonizadores.

nas sociedades deviam ser enfrentados pelos respectivos responsáveis, para poderem ser resolvidos de uma forma positiva que contribuisse para o desenvolvimento e idoneidade das partes envolvidas. Somente assim seria possível promover a cooperação, o respeito e a troca de saberes.

Esta perspectiva de vida tinha de ser, como foi, repleta de conflitos e de malquerenças contra si, que ele arrostava com desprante e até desafio.

Assim, a obra de Padre António Vieira testemunha-nos toda uma vida construída a partir da sua fé, que lhe dita a sua postura face aos homens mais fragilizados, perante o mundo e perante Deus.

Compreendem-se melhor as lutas de Vieira se não esquecermos o seu carácter impulsivo, a sua entrega apaixonada à causa que defendia, como se esta fosse a única e a única verdadeira. Assim, quando foi mandado para o Estado do Pará e Maranhão, fez sua a atitude do Padre Manuel da Nóbrega: «*Esta Terra é nossa Empresa*».

O seu espírito não tinha outra preocupação senão a de educar, promover para a Liberdade aqueles brasis e não só. A esta causa se dedicou com todo o ardor e dedicação, do mesmo jeito com que se tinha dedicado ao projecto dos cristãos-novos, dos casamentos reais ou dos tratados da Holanda (político-comerciais).

Se gostou da vida da corte, agora a sua «*Empresa*» era de outro gabarito e tinha como «palco» o sertão e a selva; a corte não é agora mais do que o lugar onde, em última instância, se decide o destino daqueles índios «selvagens» que povoam aquela região do Brasil.

As «estranhezas» e diferenças na Amazónia no século XVII, com marcas culturais e práticas económicas e sociais tão diferentes das de outras áreas do Brasil colonial, tiveram grande influência no difícil relacionamento de missionários, colonos, escravos negros, índios brasis e pessoal administrativo.

Então, e como não podia deixar de ser, as propostas políticas e religiosas apresentadas por «*Paiçú*» (isto é, «Pai grande»), como o conheciam os gentios¹⁴, em defesa dos indígenas, eram por demais contestadas, sobretudo pela maior parte dos colonos, que viam coarctadas as suas ambições, e também por alguns dos funcionários régios que,

¹⁴ Usamos aqui a expressão «gentios» num sentido semelhante ao de «indígenas», como atrás referimos, mas já com uma conotação religiosa, ou seja, os que ainda não são cristãos, expressão aquela e sentido este que eram frequentemente usados na literatura da época, de que *Os Lusíadas* têm muitos exemplos. Aquele termo, com efeito, encontra-se profusamente na linguagem bíblica. O Antigo Testamento divide os homens entre «filhos de Israel» e «gentios», distinção que, para além do seu significado étnico, tem valor religioso, pois que qualquer «gentio» podia converter-se ao Judaísmo, passando a fazer parte do «Povo de Deus», dos «filhos de Israel». Já no Novo Testamento aparece a distinção entre Cristãos, Judeus e Gentios (cf. Act 11,26). O Cristianismo adquiriu, pelo Novo Testamento, carácter universalista, ou seja, a mensagem de Cristo veio para todos os homens sem distinção (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15), pelo que Pedro (S. Pedro) manda baptizar o «gentio» Cornélio (e os membros da sua família) sem os obrigar à «circuncisão». E no Concílio de Jerusalém (49 ou 50 d.C.) ficou determinado que os «gentios» convertidos não seriam obrigados à lei mosaica (lei de Moisés). Paulo de Tarso (S. Paulo) afirma que «os gentios são co-herdeiros conosco (os judeus), membros do mesmo corpo e participantes da promessa em Jesus Cristo pelo Evangelho» (Cl 1,25-29; cf. também Ef 3,1-13).

estando ali destacados em «comissão de serviço», em pouco tempo queriam lucrar o máximo. Comportamentos humanos sempre actuais, infelizmente!

António Vieira, pelo que disse, pelo que escreveu, pela sua vivência entre aqueles que, tendo nascido em território português, tinham de ser considerados Portugueses e nunca sendo, por isso, sujeitos à escravidão (diferença jurídico-ética que o fazia distinguir os índios do Brasil dos negros de África, embora já não dos filhos destes nascidos no Brasil, solo português), tem de ser considerado, pois, como precursor da Interculturalidade. Mas, do mesmo passo, na forma como respeita as diferenças culturais das minorias (comunidades diferentes de índios e de negros), no esforço que faz de, pelo diálogo, contribuir para o desenvolvimento de competências num espírito de interacção cultural, no esforço que faz no sentido de fazer compreender que é pela educação e instrução conjunta dos filhos dos colonos, dos índios e dos negros, dentro de alguns valores culturais semelhantes, mas também pelo respeito das diferenças, algumas destas de grande ancestralidade, o que tudo permitia reforçar a coesão social e fomentar o bom convívio, condição indispensável para o desenvolvimento.

Num dos Sermões, Vieira defende a possível educação *do «índio bárbaro»*, que, por vezes, reconhece ele, o leva à exasperação, mas que, no entanto, o faz dizer num dos textos paradigmáticos da literatura portuguesa: *«Concedo-vos que esse índio bárbaro e rude seja uma pedra; vede o que faz de uma pedra a arte. Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem, primeiro membro a membro e depois feição por feição, até à mais miúda: ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe a mão, divide-lhe os dedos, lança-lhe o vestido; aqui desprega, ali arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito e talvez um santo que se pode pôr no altar.»*¹⁵.

A sua capacidade de desenvolver, de argumentar, de resolver as dificuldades e objecções levantadas por si próprio, leva-o a conduzir e expor ao longo dos seus sermões os seus raciocínios com uma lógica rigorosa, usando da arte de bem dizer para melhor persuadir os seus ouvintes. Convencia as inteligências, apelava às mais sensíveis e interpelava as adormecidas para as vantagens de fomentar vontades e atitudes de abertura a outras perspectivas de vida e a outros novos e diferentes conhecimentos.

É, deste modo, promovendo a identidade histórica e ética entre o presente e o passado, apetrechando-nos com elementos conceituais que nos são oferecidos por novos conhecimentos científicos e novas formas de abordar o Homem e as suas circunstâncias, que vamos revisitaremos todo o pensamento e acção deste humanista português do séc. XVII, através da análise da sua obra, para dele logarmos aperceber a actualíssima Mentalidade Intercultural.

Verificaremos, desta feita, que Vieira, homem antigo de grande modernidade, nos ensina hoje, através dos seus escritos, a atitude que devemos ter perante comunidades

¹⁵ VIEIRA, Padre António, *Sermões*, «Sermão do Espírito Santo», Tomo V, p. 424, Ed. Lello & Irmão, Porto, 1959.

humanas diferentes e que se deslocam por países e continentes, movidas por várias razões, nomeadamente razões económicas, políticas, de catástrofes. A atitude será sempre a de humildade e de respeito, em busca constante donexo entre a parte e o todo; de esforço por perceber a identidade das múltiplas tradições, do que cada uma delas tem de absolutamente específico como contributo para o património da Humanidade.

Curioso é, assim, perscrutarmos em Vieira uma mentalidade aberta a uma pedagogia com base no respeito pelo outro, numa integração de conteúdos, quer por parte dos gentios, quer por parte dos colonos.

Vieira, ver-se-á, é homem de acutilante intervenção pública, tanto na defesa dos Ameríndios, como na crítica acérrima ao tratamento dado aos escravos negros, como ainda na defesa dos interesses pátrios.

Também perceberemos em Vieira uma aposta na educação daqueles «gentios», como atrás apontámos, como base de «construção integral»¹⁶ de qualquer homem, promovendo-os, desta forma, ao direito à paridade de oportunidades.

Grande luta a dele pela Liberdade, pela Fraternidade e pela Igualdade de direitos/deveres daqueles Portugueses (os índios) que eram, de facto, os donos daquelas terras «descobertas»¹⁷ pelos Portugueses. Mas também pelos que não reputava de Portugueses, os negros oriundos de África¹⁸, que lhe mereciam igual atenção na sua dignidade humana.

António Vieira, homem polifacetado e muito polémico, encontrou, na tolerância e na pedagogia, «instrumentos» de atracção, de acolhimento e de respeito pelo contexto cultural daqueles índios de tão profunda ancestralidade e especificidade cultural.

Mas, perguntemos desde já, que tipo de povos eram os naturais daquele estado do Brasil? Talvez a transcrição que se segue nos possa ajudar, já neste preâmbulo, a perceber melhor esta questão de que adiante falaremos: *«Alors que nous verrons les textes jésuites, comme tous les autres textes européens contemporains, simplifier le tableau des populations indiennes en les réduisant à une opposition entre Indiens pacifiques, les Tupi, et Indiens de l'intérieur encore sauvages et agressives, les Tapuias ou Tamoyo, le panorama est en fait d'une très grande complexité. (...) Tout ces groupes ont en commun de ne pas connaître le travail du métal, qui constituera l'une des grandes révolutions produites par l'arrivée des Européens. Cette situation expliquera le développement par les jésuites du métier de forgeron ainsi que l'importance de Mateus Nogueira, un jésuite de São Vicente, qui, de par son métier de forgeron, sera considéré par les indiens comme le maître du feu et du fer. Toute l'économie des tribus repose sur la chasse, l'agriculture et la cueillette, en proportion différente selon le cas. La plupart*

¹⁶ Expressão actualmente muito usada, e que significa a educação do Homem no seu todo, ou seja, como indivíduo (no plano afectivo, espiritual, cultural, técnico, profissional) e como cidadão (na solidariedade, na participação, no respeito pelos outros, na tolerância, no cumprimento dos seus deveres sociais). É feliz a expressão «construção», porque denota que aquela educação exige fases, muito trabalho, paciência, persistência.

¹⁷ Isto é, dadas a conhecer ao Mundo, pelo que o nosso Épico pôde dizer que os Portugueses «deram novos mundos ao Mundo».

¹⁸ Sobretudo da Guiné e de Angola.

des tribus sont nomades ou s'installent pour un an ou deux à un endroit qu'elles quittent une fois la terre épuisée. Elles sont toujours en guerre contre leurs voisins, fournissant ainsi à leurs membres des occasions permanentes d'évaluer leurs vertus et de modifier leur place dans la hiérarchie de la tribu. Cette situation n'est donc pas la marque d'une absence d'organisation mais bien au contraire la manifestation spécifique d'une culture propre, fondée sur des vertus guerrières comme agent essentiel de la dynamique sociale»¹⁹.

Ora, o relacionamento de Vieira com os índios baseava-se numa atenção especial pelas diferenças de idade e de mentalidade, respeitando nos adultos o que a força dos tempos e dos costumes neles gravara e, junto das crianças, dando-lhes todo o tempo possível, brincando com elas, aprendendo com elas muitas coisas (caçar, pescar, etc.), ensinando-as também a fazer outras coisas, a ler, a escrever. Certo era que os índios lhe confiavam os filhos para educar já nos novos ensinamentos, pois que para eles, habituados às suas ancestrais tradições, não as largavam facilmente. Vieira, fazendo-se um deles para melhor os compreender e se fazer aceitar, paciente e convictamente lhes passava a mensagem do Evangelho, como sendo a via para a Vida verdadeiramente libertadora.

A sua vida, vida que quase ocupa todo o séc. XVII, cheia de tensão entre as suas convicções, interesses e contradições, é, no entanto, testemunho indesmentível da sua coerência e fidelidade à Fé Cristã. Pertence à plêiade de homens cuja obra vence o tempo e o espaço, que pertencem a todos os séculos e a todas as literaturas.

Pela sua obra escrita, possibilita-nos, como veremos, trazer hoje novamente à colação, pela actualidade que tem, a problemática do respeito pela dignidade, pelas diferenças e pela liberdade; actualidade nos tempos em que vivemos, em que tanto se fala de Direitos Humanos, Direitos das Minorias, Direitos das Crianças... e em que os correlativos Deveres da Sociedade e, porventura, de cada um, esses, tão incipientes se mostram!

A interculturalidade, como nova forma de perspectivarmos as outras culturas e de com elas melhor comunicarmos, passa pelo princípio de que da mesma espécie, a humana, cada comunidade tem as suas características próprias, que devem ser também preservadas.

À acusação de que os índios eram povos cruéis e bárbaros, Vieira respondia que todos os povos têm a sua quota parte de “bestialidade”: uns adoram pedras, bocados de madeira, coisas, animais como se deuses fossem; outros incensam homens para os tomarem como deuses. Proclamava outrossim que todo o grupo humano tem capacidade para aprender, para se adaptar a novas circunstâncias e novos saberes, com mais ou menos dificuldades; aprender e conseguir interagir e comunicar, só diferindo a forma de o fazer. Pre-anunciava, pois, e como hoje se conclui, que não há verdadeiramente raças, mas, sim, a Raça Humana a que todos os homens e mulheres pertencem.

Também sentimos em Vieira que ele aposta na educação, como base de «construção integral» de quaisquer daqueles gentios, promovendo-os, ensinando-os a ler, escrever e

¹⁹ LABORIE, Jean-Claude / LIMA, Anne, La Mission Jésuite du Brésil (Lettres & autres documents – 1549/1570), pp. 25/26, Ed. Chandeigne, Paris, 1998.

contar, de forma a esbater tão profundas clivagens sociais. Os índios, entendia, precisavam de ser educados, e os missionários seriam os seus pedagogos; eles seriam gente rude, mas eram passíveis de ser educados. Por isso, insistia nas actividades de educação, assentando-a na pedagogia da repetição, esta última não sendo mais do que um dos meios daquela, pois também percebeu não ser a capacidade de aprendizagem homogénea e haver graus diversos de compreensão entre as crianças: as que não falavam sequer a «língua geral» (os mais rudes) e as mais hábeis, que deveriam ser orientadas para a escola, para aí aprenderem a ler, escrever, cantar e tocar instrumentos construídos por elas próprias.

Ao longo do século de Seiscentos, foi ele uma das vozes mais prestigiadas, que não se cansou de perorar em prol da liberdade dos índios do Maranhão e do Pará e de reclamar um tratamento mais digno e mais humano para os escravos negros. Voz que jamais se extinguirá pela veemência e convicção dos seus sermões e pela beleza do seu estilo literário.

Nele já descobrimos uma perspectiva de Interculturalidade – que hoje é definida e assumida como uma mentalidade e postura – porque o seu pensamento se abria a uma pedagogia com base no respeito pelo outro, na integração de conteúdos, no respeito pelas diferenças culturais das minorias (comunidades diferentes de índios e de negros), no esforço que faz pelo desenvolvimento de competências de interacção cultural e no sentido de que a educação e instrução dos filhos dos índios e dos negros fosse similar à dos filhos dos colonos. Atitude esta sábia que, como sabemos hoje, constrói e reforça a coesão social, base indispensável para o desenvolvimento e para o progresso.

Compreende-se, então, que este eminente português de Seiscentos desperte hoje nos espíritos preocupados com a Cultura e Educação das gerações vindouras uma enorme necessidade de o reler, já que existem certas semelhanças desses tempos pretéritos com os tempos actuais; tempos, aqueles como estes, marcados por antagonismos e por contradições entre grandes blocos culturais e religiosos, de sociedades que actuam em «lobbies», preterindo, muitas vezes, a dignidade de cada homem em favor de um lucro mais fácil.

Para melhor entendermos Vieira, a sua vida e obra, tentaremos, temos de situá-lo no seu tempo histórico, social, cultural, político, religioso, económico, por referências não somente ao seu país, mas também à mentalidade da sua época, à sua escolarização e preparação intelectual e humana.

Referências bibliográficas

* ABDALLAH, Preteceille Martine, *Vers une pédagogie interculturelle*, publ. Sorbonne, Paris, 1986.

* ALLMEN, Micheline Rey-Von, «Pièces et défi de l'interculturalisme», in Rev. *Éducation Permanente*, 75, pp. 11/21, 1984.

* ALVES, Gonçalves, *Obras Completas do Padre António Vieira – Sermões*, em 8 vols. e 14 tomos, prefaciadas e anotadas, Ed. Lello & Irmão, Porto, 1959.

* ARCHER, Luís, «Apresentação» do Número Especial sobre «Padre António Vieira no 31.º Centenário da sua morte», in Rev. *Brotéria*, vol. 145, p. 263, Lisboa, Out/Nov., 1997.

- * AZEVEDO, João Lúcio de, *Os Jesuítas no Grão Pará*, 2.^a ed. rev., Ed. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1930; *Cartas do Padre António Vieira*, em 3 vols., coordenadas e anotadas, Ed. Imprensa Nacional, Lisboa, 1971; *História de António Vieira*, Ed. Clássica Editora, Lisboa, 1992.
- * BANKS, James, *Multicultural Education in Western Societies*, Ed. J. Banks, J. Lynch, New York, 1986.
- * BARRETO, Luís Filipe, «Vieira e o Esclavagismo», in Rev. *Brotéria*, Lisboa, Janeiro, 1978.
- * BARROS, André de, *Vida do Apostólico Padre António Vieira*, Lisboa, 1746.
- * BARROS, Gama, *História de Portugal*, vol. VI, Ed. Portucalense Editora, Lda., Barcelos, 1934.
- * BOXER, Charles Ralph, *Relações Raciais no Império Colonial Português: 1415-1825*, Ed. Afrontamento, Porto, 1988.
- * CAMILLERI, Camel, *Anthropologie Culturelle et Éducation*, Ed. Unesco, Paris, 1984.
- * CANTEL, Raymond, *Les Sermons de Vieira*, Paris, 1959.
- * CARDIN, Fernão, *Tratado da Terra e Gente do Brasil*, Ed. Univ. São Paulo, São Paulo, 1980.
- * CASTELNAU-L'ÉSTOILE, Charlotte de, «Salvar-se, Salvando os Outros: o Padre António Vieira, Missionário no Maranhão 1652-1661», in Rev. *Oceanos*, n.ºs 30/31,
- * CASTRO, Aníbal Pinto de, *António Vieira – Uma síntese do Barroco Luso-Brasileiro*, Ed. dos CTT, Ed. Painter, Lisboa, 1997.
- * CERTEAUX, Michel, *La Culture au pluriel*, Ed. Bourgeois, Paris, 1980.
- * CIDADE, Hernâni, *Padre António Vieira*, Ed. Presença, Lisboa, 1985.
- * CHARMOT, François, *La pédagogie des Jésuites, ses Principes, son Actualité*, Paris, 1951.
- * CLANET, Claude, *L'Interculturelle – Introduction aux approches interculturelles en Éducation et en Sciences Humaines*, Ed. Presses Universitaires du Mirail, Toulouse, 1993; «L'Investigation et l'articulation des approches disciplinaires», in *Ouvertes Sociétés Interculturelles*, Ed. L'Harmattan, Paris, 1994.
- * COELHO, Jacinto Prado, in *Dicionário de Literatura*, pp. 1173-1178, Comp.^a Editora do Minho, Barcelos, 1969.
- * COYNÉ, André, «António Vieira e o Quinto Império», in Rev. *Brotéria*, vol 146, p. 321, Lisboa, Março 1990.
- * DASEN, Pierre, «Une perspective interculturelle en Psychologie et en Pédagogie », in Rev. *Entwicklung Développement*, n. 116, 1983; «Cultures et développement cognitif – La recherche et ses applications», in Burreau, R., Saivre, *Apprentissage et cultures*, Ed. Karthola, Paris, 1988; «Fondements scientifiques d'une pédagogie interculturelle», in C. Alleman-Ghianda, *Multiculture et Éducation en Europe*, Peter Lang, Berne, 1994.
- * DELORS, Jacques, «A Educação ou a Utopia Necessária», in *Educação, um Tesouro a Descobrir*, Ed. Asa, Porto, 1996.
- * ESPÍRITO SANTO, Arnaldo, «Apresentação da *Clavis Prophetarum* – Transmissão manuscrita, estrutura e aspectos do pensamento do Padre António Vieira», in Rev. *Oceanos*, nn. 30/31, Lisboa, Ed. da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Abril/Setembro 1997.
- * FEITOSA, Aécio, «Alguns Aspectos do Discurso Pedagógico da Companhia de Jesus no Brasil», in *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XIX, Univ. Coimbra, pp. 35 e ss., Coimbra, 1985.
- * FERNANDES, Jorge Almeida, «Victória Póstuma de Vieira», in jornal *Público*, de 18 de Julho de 1997, pp. 30 e 32; FERNANDES, Jorge Almeida / COELHO, Tereza, «Uma Antologia, por favor», in jornal *Público*, de 13 de Janeiro de 1997, pp. 24 e 25.

- * FONSECA, Fernando Taveira da, «A Man for all Seasons: A Acção de António Vieira na Conjuntura da Restauração», in Rev. *Brotéria*, vol. 145, p. 303, Out./Nov., 1997.
- * FREYRE, Gilberto, *Maîtres et Esclaves*, Ed. Gallimard, Paris, 1974.
- * HANSEN, João Adolfo, «Vieira: Tempo, Alegoria e História», in Rev. *Brotéria*, vol. 145, Lisboa, Out./Nov., 1997.
- * HAUBERT, Maxime, *L'Église et la Défense des «sauvages» – Le Père António Vieira au Brésil*, Académie Royale des Sciences d'Outre-mèr, Bruxelles.
- * KHÔÏ, Lê Than, «Pluralisme et éducation: perspectives générales», in *Pluralisme et Éducation: Politiques et Pratiques au Canada, en Europe et dans les Pays du Sud. L'Apport de l'Éducation Comparée*, Quebec, Univ. de Montréal, Fac. des Sciences de L'Éducation, 1995.
- * LABORIE, Jean-Claude / LIMA, Anne, *La Mission Jésuite du Brésil – Lettres & autres documents – 1549/1570*, Paris, Ed. Chandeigne, 1998.
- * LEITE, Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomos IV e IX, Rio de Janeiro, 1943/1949; *Monumenta Brasiliae*, vol. II, S. Paulo, 1954; *Monumenta Brasiliae*, Via dei Penitenzieri, vol. I, Roma, 1956; *Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil*, Ed. Junta de Investigação do Ultramar, Lisboa, 1965; «Efemérides do P. António Vieira», in Rev. *Brotéria*, vol 146, pp. 567-575, Out/Nov., 1997.
- * LEVI-STRAUSS, Claude, *Tristes Tropiques*, Plon, Paris, 1984.
- * LÉRY, Jean de, *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, Ed. de L'Épi, Paris 1972 (10.^a ed. 1578).
- * LIMA, Anne / LABORIE, Jean-Claude, *La Mission Jésuite du Brésil – Lettres & autres documents – 1549/1570*, Paris, Ed. Chandeigne, 1998.
- * LINS, Ivan, *Aspectos do Padre Vieira*, Ed. Livraria S. José, Rio de Janeiro, 1956.
- * LISBOA, João Francisco, *Vida do Padre António Vieira*, nova ed., Rio de Janeiro, 1874.
- * LOPES, António, «Como Agir na Fronteira do Imponderável. Estudo Sobre a Questão da Escravatura dos Índios e Negros», in Rev. *Brotéria*, vol. 145, p. 321, Out./Nov., 1997.
- * LOPES, Óscar / SARAIVA, António José, *História de Literatura Portuguesa*, Ed. Porto Editora, 160.^a ed. corrigida e actualizada, 4.^a Época – Época Barroca, Porto, 1962.
- * LOYOLA, Inácio de, *Constituições da Companhia de Jesus*, ed. com trad. e notas de Joaquim Mendes Abranches, S.J., Lisboa, 1975.
- * LYNCH, James, *Multicultural Education – Principles and Practice*, Ed. Routledge & Kegan Paul, Londres, 1986.
- * MALINOWSKY, Bronislaw, *Les Argonautes du Pacifique Occidental*, Ed. Gallimard, Paris, 1993.
- * MARTINS, Wilson, *História da Inteligência Brasileira*, I vol., pp. 170/206, ed. em 7 vols. Cultrix/EDUSP, São Paulo, 1977/79.
- * MARUJO, António, «Multidão é o Seu Nome», in jornal *Público* de 20 de Novembro de 1997.
- * MELO, Gladstone Chaves de, «Convite a Ler Vieira», in Rev. *Brotéria*, vol. 145, p. 265, Out./Nov., 1997.
- * MENDES, Margarida Vieira, *A Oratória Barroca de Vieira*, Ed. Casa da Moeda, Lisboa, 1989.
- * OUANE, Adama, *Vers une Culture multilingue de l'Éducation*, Ed. Unesco, Hamburgo, 1995.
- * OUELLET, Fernand, *L'éducation Interculturelle – Éssai sur le contenu de la formation des maîtres*, Ed. L'Harmattan, Paris, 1991.
- * PELOSO, Silvano, «O Paradigma Bíblico como Modelo Universalista de Leitura em António Vieira», in Rev. *Brotéria*, vol. 145, p. 557, Out./Nov., 1997.

- * PINTO, António Vaz, «A Imagem de Deus na Obra e Acção do Padre António Vieira», in Rev. *Oceanos*, n.os 30/31, Ed. da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Abril/Setembro, 1997.
- * RAMOS, Maria Natália Pereira, *Maternage en milieu portugais autoctone et immigré. De la Tradition à la Modernité. Un Étude ethnopsychologique*, Tese de Doutoramento, Université René Descartes / Paris V, Ed. Sciences Humaines, Sorbonne, Paris, 1993; *Educação Intercultural*, vols. I e II, (org.) Univ. Aberta, Mestrado em Relações Interculturais, 1996.
- * RICOEUR, Paul, «Civilisation universelle et cultures nationales», in Rev. *Esprit*, n.º 10, p. 452, Out. 1961.
- * ROSETA, Pedro, «A Vitória Póstuma de Vieira», in jornal *Público* de 18 de Julho de 1997.
- * ROWLAND, Robert, *Antropologia, História e Diferença*, Ed. Afrontamento, Porto, 1987.
- * SANTOS, António de Almeida, *Diário da Assembleia da República*, I Série, 19 de Julho de 1997.
- * SARAIVA, António José, *O Discurso Engenhoso – Ensaio sobre Vieira*, Ed. Gradiva, Lisboa, 1996; c/ LOPES, Óscar, *História de Literatura Portuguesa*, Ed. Porto Editora, 160.^a ed. corrigida e actualizada, 4.^a Época – Época Barroca, Porto.
- * SARRANTE, Jean-Paul, «António Vieira et le problème des esclaves et des Indiens», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIII, pp. 571/628, Paris, 1978.
- * SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. V – *A Restauração e a Monarquia Absoluta (1640-1750)*, Ed. Verbo, 1980.
- * SERRÃO, Joel, *A Emigração Portuguesa*, 4.^a ed., Ed. Livros Horizonte, Lisboa, 1982.
- * SILVA, Lúcio Craveiro da, *Padre António Vieira e Antero de Quental – Ensaio*, Ed. Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos (Coleção Hespérides), Braga, 1998.
- * SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.), *Cultura Portuguesa na Terra de Santa Cruz*, Ed. Estampa, «Histórias de Portugal», Lisboa, 1995.
- * SIMÕES, António, «Formação Contínua e Desenvolvimento do Adulto», in *A Psicologia na Formação Contínua*, Ed. Universidade de Évora, Évora, 1994.
- * SOARES, Fernando Luso, *António Vieira*, Lisboa, Ed. Cosmos, Lisboa, 1997.
- * VIEGAS, João, *La Mission d’Ibiapaba – Le Père António Vieira et le Droit des Indiens*, Ed. Chandeigne, Unesco, Paris, 1998.
- * VIEIRA, Padre António, *Trechos Selectos do Padre António Vieira*, publ. comemorativa do bicentenário da sua morte, Tipografia Minerva, 1897; *Resposta aos Capítulos*, Ed. Biblioteca Eborense, Évora; *Obras Escolhidas*, com prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Ed. Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1951; *Sermões e Lugares Selectos*, selecção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana, Ed. Educação Nacional, Porto, 1954; *Sermões*, Porto, Ed. Lello & Irmão, 1959; *Cartas*, Ed. Imprensa Nacional sob a orientação de Lúcio de Azevedo, Lisboa, 1971; *Escritos Instrumentais sobre os Índios*, ed. com ensaio introdutório de Meihy, J. C. Sebe Bom, selecção de textos por Cláudio Giordano, Ed. Educ / Loyola / Giordano, São Paulo, 1992; *História do Futuro*, com introdução e notas de Maria L. Carvalhão Buescu, Lisboa, 1992; *Sermon de Saint Antoine aux poissons*, ed. bilingue présentée par Hugues Didier, publ. com o concurso do Instituto Camões, Éditions Chandeigne, Paris, 1998.
- * VILELA, Magno, *Uma Questão de Igualdade... António Vieira e a Escravidão Negra na Bahia do século XVII*, Ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1997.